

Introdução

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.66.1>

Moisés de Lemos Martins

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3072-2904>
moisesm@ics.uminho.pt

Helena Pires

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-5533-4687>
hpires@ics.uminho.pt

Ora, a questão política é essencialmente a questão da relação com o outro num sentir conjunto, na aceção de uma sim-patia. O problema do político consiste em saber como estar juntos, como viver juntos e suportar-se como conjunto através e a partir das nossas singularidades... e além dos nossos conflitos de interesses. (Stiegler, 2004/2018, pp. 17–18)

Ciência e língua comungam de um carácter regulador sobre o qual urge refletir¹. Os seus mecanismos, apetrechados hoje de operatividade tecnológica, servem, sobretudo, as “sociedades do controlo” (Deleuze & Guattari, 1972;

1 Em 2021, o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, celebrou, em abril, o seu 20.º aniversário. Ainda nesse ano, organizou, em dezembro, o seminário de encerramento do doutoramento Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade, um projeto de ensino pós-graduado, que o CECS liderou, entre 2013 e 2021, e que envolveu a Universidade do Minho, Universidade da Beira Interior, a Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Universitário de Lisboa e a Universidade Lusófona. O livro que ora publicamos prolonga o debate académico desses dias, ao interrogar a atual condição académica, o desvario das políticas científicas, a cooperação académica e uma ciência com o sentido do humano.

Foucault, 1975/1999). Constituindo-se como código, sistema, a *língua* impõe-se como o conjunto de regras, de normas que pautam as práticas da fala e da escrita. É na sua transformação em ato que a língua ganha sentido(s), no seio de uma sociedade falante, como diria o semiólogo Ferdinand de Saussure (1916/1986). Nos usos e nos contextos, importa, todavia, a abordagem empírica, com a língua a traduzir-se em linguagem, ou em língua em ação, ou mesmo na sua dimensão performativa, produzindo efeitos. *Dizer é fazer* (Austin, 1965; Searle, 1979). E aquilo que se faz com os usos da língua é, em última instância, produzir o sentido de uma comunidade, o modo singular de realização do quotidiano, do sentir e do pensar-com. Se entendermos que o conhecimento é tanto produto de uma ideologia (van Dijk, 2016), como de uma experiência cultural e linguística particular, desdobrada na sua dupla dimensão estética e política (Stiegler, 2004/2018), fará sentido não desvalorizar, precisamente, a expressão material da racionalidade científica enquanto condição de estruturação dessa mesma racionalidade. Cada língua recria uma materialidade potencialmente expressiva de uma estética e política partilhadas que, num segundo tempo, confere a cada comunidade cultural os meios de se conhecer e de construir uma visão própria do mundo. Uma mundi-visão (Heidegger, 1927/2020), sem a qual o conhecimento, erroneamente tomado como sistema universal, desincorporado, corre os riscos de se padronizar, de se acotovelar no universo global de redundâncias que se reproduzem, infinitamente, através dos sofisticados mecanismos, autotélicos, de vigilância (e repulsa) das formas “desviantes” da ciência e do pensamento.

Conduzidos pelo desejo de resistência, e também de incentivo ao pensamento crítico, em *Políticas de Ciência e da Língua, Publicação Científica e Rankings Académicos* exploramos as diversas camadas de complexidade, presentes nestas políticas, que de seguida listamos em jeito de (contra)manifesto:

- *Contra* o paradigma em que o conhecimento é número e medida;
- *Contra* o modelo hegemónico de fazer ciência, o qual implica: (1) publicar em inglês, a língua dominante; (2) sob o formato de artigo publicado numa revista científica; (3) seguindo o formato introdução, hipóteses, métodos, resultados e discussão; e (4) publicar numa revista com “fator de impacto”;
- *Contra* a sobranceria das revistas de “fator de impacto”;
- *Contra* a hegemonia empobrecedora do artigo científico;
- *Contra* a redução da linguagem académica à adoção pela Academia da linguagem do discurso dos Gabinetes de Comunicação e Imagem,

centrada no marketing; à sua submissão ao capitalismo científico, com as revistas de fator de impacto, de conhecimento fechado e feito mercador, e também com as revistas predatórias; à perversão acadêmica, com as carreiras acadêmicas assentes numa profusão de artigos, de autoria coletiva, e com números astronômicos de citações;

- *Contra* a excessiva concentração do trabalho de investigação nas agendas científicas hegemônicas, que de exclusivas se tornam empobrecedoras;
- *Contra* os rankings como “território de basbaques e pavões” (Amaral, 2019);
- *A favor* do paradigma em que o conhecimento é palavra e pensamento;
- *A favor* do livro nas ciências sociais e humanas;
- *A favor* do acesso aberto ao conhecimento;
- *A favor* da abertura a uma agenda nacional, que responda a inquietações e a problemas centrados nas identidades nacionais, regionais, transnacionais e transculturais (ibéricas, europeias, lusófonas e ibero-americanas);
- *A favor* da promoção das políticas científicas de língua e de comunicação, e de uma comunidade científica que favoreça a diversidade linguística, e desse modo a diversidade cultural e científica que as distintas línguas tornam possível;
- *A favor* do combate pela reordenação simbólica do mundo: a ciência é discurso e o discurso é poder;
- *A favor* da abertura, nas ciências sociais e humanas, dos painéis de avaliação de concursos de projetos e de unidades de investigação a investigadores de língua e produção científica latinas (espanhóis, franceses, belgas valões, italianos, portugueses), além da sua abertura a investigadores latino-americanos (brasileiros, argentinos, mexicanos e chilenos, por exemplo);
- *A favor* da reconsideração dos processos de avaliação ocorrida em França, no sentido de uma maior abertura a metodologias qualitativas, em contraposição à tendência para a consideração exclusiva de métricas em revistas de fator de impacto e a favor de exemplos tais como a Universidade de Utreque e a promoção do acesso aberto de conhecimento (desde janeiro de 2022, todas as faculdades da Universidade de Utreque deixaram de incluir os índices de fator de impacto nos concursos para contratação de docentes e de investigadores, e também nos concursos para a progressão académica);

- *A favor* do reconhecimento da importância estratégica, para as ciências sociais e humanas em Portugal, das associações ibero-americanas e lusófonas para a promoção das línguas portuguesa e espanhola como línguas de conhecimento.

A presente obra divide-se em três partes: *O Fator Político na Investigação e na Avaliação; A Avaliação e a Publicação Científica; e A Carreira Académica – O Ensino e a Investigação.*

Numa primeira parte, é questionada a política científica em Portugal nos últimos 25 anos, ilustrando a sua alargada visão crítica com diversos casos de estudo, exemplificativos das muitas e complexas dimensões que os modos de fazer ciência e os modelos subjacentes a essas mesmas práticas implicam. O capítulo intitulado “A Política Científica em Portugal: Do Centralismo e Enviesamento das Decisões à Aversão ao Modelo Compreensivo de Fazer Ciência” analisa, precisamente, de forma exaustiva e detalhada, a forma como a estruturação axiológica das tomadas de decisão política e os mecanismos que servem a reprodução de um alargado conjunto de procedimentos, que afetam, e constroem mesmo, a produção do conhecimento nas áreas das ciências sociais e humanas, bem como a orgânica das instituições que acolhem os projetos e as equipas. Os concursos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), na área das ciências sociais e humanas, e em particular o concurso para Laboratório Associado, aberto pela FCT em 2020 e concluído em 2021, são alvo de uma apurada reflexão crítica. Neste capítulo, são ainda delineadas propostas de linhas orientadoras para a construção de uma alternativa às atuais políticas de ciência.

Na segunda parte, os autores centram-se numa reflexão e análise críticas sobre os processos de avaliação e publicação científicas. Cílicia M. Krohling Peruzzo, com o texto designado “Contradições e Busca da Cultura de Integridade em Pesquisa. Investigar e Publicar Para Quê e Para Quem?”, discute a circulação do conhecimento no campo das ciências sociais e humanas, nomeadamente através dos meios convencionais de divulgação, tais como as revistas científicas. Neste texto, são identificadas contradições e lançado o convite a um olhar crítico face às condições do “*quefazer científico*”, problematizando-se os imperativos dos paradigmas eurocêntrico e estadunidense. Por sua vez, Juremir Machado da Silva, autor de “*A Ideologia do Ranquismo*”, aponta o dedo ao desempenho e à produtividade, enquanto indicadores unívocos ditados pela parametrização do sistema de avaliação do campo científico. E reflete sobre o caráter ideológico das hierarquias que um tal sistema reproduz, ao traduzir-se, a um só tempo, num espaço paradoxal de cooperação e competição. Já no texto intitulado “Políticas da Língua no Contexto da Política Científica em Portugal”, de Anabela Gradim, é discutida

a hegemonia do inglês enquanto língua de publicação, à qual se contrapõe a defesa das potencialidades do multilinguismo na ciência, tendo em vista a afirmação da diversidade de identidades, culturas, e também a diversidade epistemológica. Eugénio Campos Ferreira, em “Publicação Científica, Ciência Aberta e Avaliação de Investigação – Breve Análise Crítica”, interroga os processos e princípios que pautam as práticas de publicação e de avaliação científicas. Não esquecendo os constrangimentos, impostos pelas diferentes organizações e estruturas, que determinam o financiamento e que urge ultrapassar, o autor avança com uma discussão sobre as possibilidades de redesenho da implementação de mudanças. Segue-se o texto intitulado “A Avaliação da Ciência em Portugal: Da Multiplicação das Entidades à Opacidade dos Processos”, de Paulo Serra. Neste ensaio, o investigador desdobra-se, por um lado, numa discussão sobre o modelo de avaliação e de gestão da FCT e, por outro, propõe um modelo alternativo e “mais democrático”, ancorado em Polanyi (1962) e em Kuhn (1962), referências da década de 60. Juntando-se a esta reflexão, André Lemos apresenta o texto “Infopoder e Políticas da Ciência. O Sistema de Avaliação da Produção Científica e Tecnológica no Brasil”. Neste estudo, o autor defende que o campo da produção científica é produzido pelos dados quantitativos. Em particular, é explanada a situação pandémica nas suas implicações com a realidade específica brasileira, do ponto de vista da pesquisa científica e tecnológica. Fechando a segunda parte, Eloy Rodrigues, com o texto “A Necessária e Difícil Reforma da Avaliação da Investigação”, dá conta das críticas de que têm sido alvo os modelos de avaliação baseados em métricas. Reportando-se à origem destes modelos, aponta alguns dos contributos para a reforma da avaliação da investigação.

Em suma, esta segunda parte articula o registo de carácter ensaístico, ancorado em exemplos da experiência académica e de investigação, com a análise mais sistemática, apoiada em indicadores estatísticos e bases de dados. São, pois, interrogados o sentido da produção científica em função dos seus destinatários (avaliadores e comunidade académico-científica); também a subjugação aos critérios, homogeneizados, de parametrização dessa mesma produção; e ainda as idiosincrasias que propulsionam um pensamento crítico sobre a relação entre a política, tanto local como global, a cultura, compreendendo a sua tecnologização, e a ciência, designadamente os contextos específicos de Portugal e do Brasil. Prevalece, assim, uma tendência transversal aos múltiplos textos, de análise às potencialidades da ciência aberta, assim como ao aprofundamento da importância da defesa dos princípios da diversidade e do sentido crítico, face aos riscos de discriminação e de homogeneização, que se impõem enquanto reprodutores de uma ideologia única, insensível ao multiculturalismo e prisioneira da mercantilização do conhecimento.

Por fim, segue-se uma terceira parte, motivada por uma reflexão sobre a carreira académica e a sua relação específica com o ensino e a investigação. Neste quadro, Antônio Hohlfeldt, autor de “A Paixão da Pesquisa no Investigador e a Travessia de um Mar de Provações: A Carreira, a Publicação, a Avaliação...”, num registo auto-reflexivo e testemunhal, alerta para os desafios colocados à carreira académica, designadamente os desafios advindos das formalidades que invadem o tempo pessoal e condicionam a vida universitária. Por outro lado, Pedro Oliveira, no texto intitulado “Avaliação de Desempenho Docente: O Faz de Conta Universitário”, contribui com uma reflexão direcionada para o modelo de avaliação do desempenho docente no contexto das instituições de ensino superior, questionando o conceito de “qualidade” e identificando dificuldades e contradições. Finalmente, no texto denominado “Acreditação de Pessoal Docente na Área da Comunicação em Espanha. Pedidos e Taxas de Sucesso em Jornalismo e Comunicação Audiovisual, 2016–2021”, Miguel Túñez-Lopez e César Fieras-Ceide, remetem para o período específico de 2016–2021, tendo em vista analisar as taxas de sucesso dos pedidos de acreditação, respeitantes às diferentes categorias da carreira docente académica, no contexto espanhol. Partindo dos dados extraídos da Agência Nacional de Avaliação da Qualidade e Acreditação, em Espanha, discutem, particularmente, o caso da área da comunicação.

Os textos desta terceira parte colocam, ainda, várias outras questões, que passamos a especificar. Como resistir aos formalismos e às injunções das plataformas digitais, que ameaçam a simples paixão pelo ensino e pela investigação? Dados os atuais *dictats* das agendas políticas, como é possível encontrar motivação para propor linhas e projetos de investigação de interesse genuíno para os cientistas e entusiasmantes para as comunidades concretas? Como conciliar os difíceis desafios que se impõem ao duplo papel do investigador-docente no contexto de uma academia completamente rendida a orientações, internas e externas, que pré-determinam as carreiras, os programas e as práticas? Que alternativas podemos contrapor aos atuais critérios de medição da eficácia e de avaliação do desempenho?

Como se observa numa das falas de *Le Diable, Probablement* (O Diabo, Provavelmente), de Robert Bresson (1977), quando se apregoa o indiscutível princípio do sucesso e do crescimento, poder-se-á, a título de paráfrase, perguntar: crescimento para quê, para quem, de quê? Será mesmo de mais felicidade? Tanto como a análise das políticas de ciência e da língua, este livro refere-se ao quotidiano da investigação, deixando transparecer um profundo desalento por parte dos investigadores perante a transfiguração daninha das suas práticas académicas, desde as práticas de investigação, propriamente ditas, às práticas de avaliação, publicação e divulgação da

ciência, e mesmo às práticas de ensino. O cotidiano acadêmico precisa de produzir o bem comum (Sandel, 2020/2022), com os seus criadores a reatarmos os laços que os ligam à sua singularidade, potenciadora do desenho de um universo científico, que não deixará de ser planetário, sendo todavia rizomático, com uma cultura verdadeiramente coparticipada e coproduzida.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Referências

- Amaral, A. (2019a, 22 de setembro). Rankings, esse território de basbaques e pavões. *Público*, p. 15.
- Austin, J. L. (1965). *How to do things with words*. Oxford University Press.
- Bresson, R. (Diretor). (1977). *Le diable, probablement* [Filme]. Sunchild G.M.F/M. Chanderli.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1972). *L'Anti-Oedipe. Capitalisme et schizophrénie* (Vol. 1). Minuit.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (R. Ramalhe, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Heidegger, M. (2020). *Ser e tempo* (M. S. C. Schuback, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1927)
- Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. University of Chicago Press.
- Polanyi, M. (1962). The republic of science: Its political and economic theory. *Minerva*, 1(1), 54–73.
- Sandel, M. S. (2022). *A tirania do mérito* (A. Gomes, Trad.). Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 2020)
- Saussure, F. (1986). *Curso de linguística geral* (J. V. Adragão, Trad.). Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1916)
- Searle, J. R. (1979). *Expression and meaning*. Cambridge University Press.
- Stiegler, B. (2018). *Da miséria simbólica. Vol. I: A era hiperindustrial* (L. Lima, Trad.). Orfeu Negro. (Trabalho original publicado em 2004)
- van Dijk, T. A. (2016). *Discourse and knowledge. A sociocognitive approach*. Cambridge University Press.